

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

81

INSCRIÇÕES 361-363



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2006

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

.....
Toda a colaboração deve ser dirigida a:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º
P-1000-196 LISBOA

.....

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de



CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

PORTUGAL

POCTI Apoio do Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação
do Quadro Comunitário de Apoio III

Composto e impresso na G. C. – Gráfica de Coimbra, Lda.

Depósito Legal N° 21216/88

ARA A JÚPITER, DE IDANHA-A-VELHA
(*Conventus Emeritensis*)

Ara votiva identificada, em Agosto de 2005, durante o acompanhamento arqueológico das obras de requalificação da envolvente da Sé-Catedral de Idanha-a-Velha (Idanha-a-Nova, Castelo Branco), por um dos signatários (J. C. L.). Encontrava-se, sensivelmente, a cerca de 5 m para nordeste do canto sudeste da Sé, junto ao corte de terras aí existente, no interior de uma fossa, de cronologia relativamente recente (época contemporânea?), preenchida maioritariamente com pequenas pedras de granito e lajes de xisto. Conserva-se actualmente no Pavilhão Epigráfico de Idanha-a-Velha.

De granito de grão fino, polido e trabalhado nas quatro faces, o monumento encontra-se truncado na oblíqua, faltando-lhe parte do fuste (início da 3ª linha e quase totalidade da 4ª) e toda a base. O capitel foi também bastante danificado, sobretudo no lado direito, e apresenta sinais de ter sido queimado, nomeadamente no topo e laterais, sendo as queimaduras posteriores ou contemporâneas das escoriações que sofreu. Ocorrem ainda ligeiras fracturas nas arestas do fuste, ficando a mais significativa no canto superior esquerdo do mesmo, junto à primeira letra do texto.

O capitel possuiria toros lisos laterais, actualmente bastante arruinados, sobretudo o do lado direito, a enquadrar o fôculo central, proeminente e ovalado (6,5 x 8), que uma estreita saliência liga aos frontões triangulares anterior e posterior, ora destruídos na sua quase totalidade. O capitel está separado do fuste por uma moldura de quatro quartos de círculo directos, de largura semelhante, que se vão estreitando gradualmente em direcção a este. Devido à mutilação de que o monumento foi alvo, não subsistem quaisquer indícios que permitam caracterizar a sua base, assim como a zona de transição do fuste para esta. Quanto ao fuste, bastante simples, não possui decoração lateral nem moldura a delimitar o campo epigráfico.

Dimensões: capitel – 14 x 30 x 20,5; fuste – 22 (?) x 24,8 x 16.
Campo epigráfico: 22 (?) x 24,8.

I(*ovi*) · O(*ptimo*) · M(*aximo*) / VEGETI/[N]VS · VEGE/[TI
F(*ilius*) A(*nimo*)] L(*ibens*) V(*otum*) S(*olvit*)

A Júpiter Ótimo Máximo. Vegetino, filho de Vegeto, cumpriu o voto de livre vontade.

Altura das letras: 1. 1: 5/5,5; 1. 2: 4,5; 1. 3: 4; 1. 4: (?). Espaços: 1: 1,5; 2: 1/1,2; 3: 08/1; 4: 1; 5: (?).

A inscrição encontra-se paginada segundo um eixo de simetria, com alinhamento à esquerda e à direita. A aparente má distribuição dos caracteres pelo espaço disponível estará certamente relacionada com a intenção de conceder um maior relevo ao teónimo, que aparece isolado na 1ª linha, e ao dedicante. Possivelmente também por este motivo, a altura das letras, assim como dos espaços interlineares, decresce de linha para linha. Quanto à pontuação, em forma de pequeno traço vertical, atendendo ao que se conserva do texto, parece ter sido utilizada na separação das palavras e abreviaturas.

Os caracteres, em letra capital actuária, de traçado regular, ostentam, nos vértices, pequenas barras que lhes conferem uma certa elegância. Os *II* possuem travessões muito curtos, o *O* é bem circular e o *M* bastante aberto. Os *VV* são simétricos, os *EE* possuem travessões iguais e ligeiramente inclinados, exceptuando o do centro; os *GG* são circulares e têm a haste vertical traçada de forma heterogénea (na l. 2, enrola para dentro e, na l. 3, é oblíqua e possui uma pequena barra no vértice) e os *SS* têm aparentemente uma grafia pouco cuidada e díspar.

Os caracteres ainda visíveis, total ou parcialmente, não oferecem grandes dificuldades de leitura, de tal modo que, apesar de o monumento se encontrar fracturado, é possível reconstituir com alguma segurança e quase por completo a inscrição que nele figurava. As duas primeiras linhas, onde se encontram o teónimo e parte do nome do dedicante, são perfeitamente legíveis. Na 3ª linha, por onde se prolongava a identificação do dedicante, perdeu-se a primeira letra e, das duas seguintes, um *V* e um *S* – ao que se seguia um *punctus* – nota-se somente a parte superior do seu traçado. Não obstante este facto, tendo em conta as variantes conhecidas do antropónimo *Vegeto*, parece plausível poder-se reconstituir o *cognomen* do dedicante como *Vegetinus*. Na mesma linha, a última letra, já pertencente ao patronímico

do dedicante, ainda que, à primeira vista, se possa confundir com um *I*, corresponde efectivamente a um *E*, com os travessões já bastante desgastados por se encontrar mesmo no limite do campo epigráfico.

Da 4ª linha, que será certamente a última, quase nada se conservou, descortinando-se apenas a parte superior das duas últimas letras, um *V* e um *S*, e o arranque da antepenúltima, pelo que a reconstrução apresentada constitui uma mera proposta: se a presença da fórmula *votum solvit* não parece suscitar dúvidas, é provável que esta fosse precedida, como comumente se verifica, da abreviatura das palavras *animo libens*, pois a antepenúltima letra, atendendo à localização do arranque visível da mesma (abaixo da haste do primeiro *E* da 3ª linha), à sua forma (pequeno traço aparentemente vertical) e ao espaço disponível entre este e o início do *V* seguinte, parece corresponder a um *L*. Na 4ª linha encontrava-se ainda a parte final do patronímico do dedicante, muito possivelmente a terminação *TI* de *Vegeti*, pois esta é a única hipótese a considerar entre as variantes conhecidas do nome *Vegeto*, tendo em conta que nesta linha – a confirmar-se a existência da fórmula final *ALVS* – restaria espaço para apenas mais três letras. Entre o patronímico e a fórmula final estaria provavelmente gravado um *F*, abreviatura de *filius*.

Trata-se, portanto, de uma inscrição dedicada a Júpiter por um indivíduo que se identifica à maneira indígena, através de um só nome, seguido da filiação. A onomástica é corrente na Lusitânia, nomeadamente o antropónimo *Vegeto*¹. Refira-se, porém, que, apesar de *Vegetinus* ser um nome menos frequente na região lusitana, duas das seis inscrições anteriormente já conhecidas que a ele aludem provêm de Idanha-a-Velha².

Quanto ao teónimo, ainda que mais um testemunho do culto a Júpiter nesta região da Lusitânia não seja de estranhar, pois são relativamente abundantes por toda a actual Beira Interior e, em especial, na Beira Baixa³, este revela-se de particular interesse pelo facto de ser

¹ A este propósito, veja-se: M. Navarro Caballero y J. L. Ramírez Sábada (coord.): *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus, 2003, p. 335-338 (= Navarro Caballero *et alii*, 2003).

² Cf.: *Atlas* 2003, p. 335-336. Sobre as inscrições provenientes de Idanha que referem o antropónimo *Vegetinus*, consulte-se: Fernando de Almeida, *Egitânia. História e Arqueologia*, Lisboa, 1956, p. 231-232 (n.º 144-145) e Ana Paula Ferreira, *Epigrafia Funerária da Beira Interior: Inovação ou Continuidade? – Trabalhos de Arqueologia*, 34, Lisboa, 2004, p. 96 e 125 (n.º 70 e 112).

³ Acerca da dispersão do culto a Júpiter no território actualmente português e na região da Beira Interior, veja-se, respectivamente: Jorge de Alarcão, *O Domínio*

proveniente da capital da *civitas Igaeditanorum*, onde, até ao momento, só eram conhecidas duas epígrafes consagradas a esta divindade⁴. Apesar de serem ainda em número reduzido e de não se saber qual o seu local original de deposição, o crescente número de inscrições a Júpiter encontradas na Egitânia parece vir reforçar a ideia de que o templo principal do *forum* desta cidade seria consagrado a esta divindade e não a Vénus⁵, ou mesmo a Marte, que, de acordo com a epigrafia, também possuíram locais de culto próprios em Idanha, construídos por *C. Cantius Modestinus*⁶. De resto, parece-nos também que só deste modo se poderá explicar a grande difusão que o culto a Júpiter teve no território rural desta *civitas*, sobretudo quando comparado com a fraca devoção demonstrada pela comunidade rural para com Vénus e Marte.

Pela paleografia, nomeadamente a forma do *O*, do *M* e do *G*, e pelo modo de identificação do dedicante, é monumento datável de meados do século I da nossa era, quiçá, da época flávia, quando a *civitas* terá sido elevada a município⁷.

JOÃO CARLOS LOBÃO
JOSÉ CRISTÓVÃO

Romano em Portugal, Mem Martins, 1988, p. 167-168 (= Alarcão, 1988) e Fernanda Cristina Repas, *Religião na Beira Interior ao Tempo dos Romanos (Subsídios para o seu Estudo)*, FLUC, Coimbra, 2001 (Dissertação de Mestrado em Arqueologia, policopiada), p. 119-131 e Quadro-Síntese II (= Repas, 2001).

⁴ Sobre as inscrições a Júpiter oriundas de Idanha-a-Velha, consulte-se: Repas, 2001, p. 119-120 e 124 (n.º 34.3 e 34.14).

⁵ Esta opinião foi defendida por Jorge de Alarcão (Alarcão, 1988, p. 169), opondo-se a Fernando de Almeida que considerava que teria sido consagrado a Vénus (Fernando de Almeida, “Templo de Vénus em Idanha-a-Velha”, *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, 2, Lisboa, 1970, p. 134). Vasco Mantas, apesar de num primeiro momento aceitar a proposta deste último (Vasco Mantas, “Evergetismo e culto oficial: o construtor de templos *C. Cantius Modestinus*”, *Religio Deorum* – Actas del Coloquio Internacional de Epigrafia, Sabadell, 1993, p. 247), admite, mais tarde, que o templo principal do *forum* seria dedicado a Júpiter (Vasco Mantas, “*C. Cantius Modestinus* e os seus templos”, *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa*, Lisboa, 2002, p. 233 (= Mantas, 2002)). Sobre esta questão, veja-se também José Cristóvão, “Breve estudo sobre a organização do espaço público e os equipamentos urbanos da cidade romana de Idanha-a-Velha (dos finais do século I a. C. ao limiar do século IV)”, *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia* – Actas das II Jornadas de Património da Beira Interior, Guarda, 2005, p. 196, nota 24.

⁶ Mantas, 2002, p. 231-234.

⁷ Jorge de Alarcão, *Roman Portugal*, 2 (1), Warminster, 1988, p. 74 (n.º 4/462).



361



EPITÁFIO DE *SENTIA LAVRILLA*,
DE ALTER DO CHÃO
(*Conventus Pacensis*)

Placa funerária romana encontrada em 2002, no âmbito de um projecto de investigação em curso na necrópole tardo-antiga¹ de Alter do Chão, localizada junto ao Infantário da vila, poucos metros acima da E. N. 369, numa área contígua à Quinta da Cerca. Trata-se da segunda epígrafe associada a esta necrópole, pois, há cerca de 40 anos, foi descoberta uma outra, quando se procedeu à abertura do caminho de acesso à casa da quinta².

Estava reutilizada na cabeceira da sepultura 12. Aliás, todo o aparelho usado na preparação da sepultura é constituído por material de construção romano: a cobertura com materiais diversos (xisto, tijoleira e telha); as paredes, base e pés, exclusivamente com tijoleira³.

Integrou a exposição “Recuar no Tempo em Alter do Chão”, que esteve patente ao público, em Alter, desde finais de 2005 até 8 de Março do ano seguinte, regressando depois ao depósito do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal⁴.

¹ A necrópole é datável dos sécs. VII-IX, a darmos crédito aos resultados obtidos através da datação, por radiocarbono, de duas amostras enviadas para o Instituto de Tecnologia Nuclear; a amostra osteológica desta sepultura aponta para os sécs. VIII-IX.

² Dar indicação bibliográfica

³ A sepultura, de forma elipsoidal, revela uma orientação oeste/este e mede 183 cm de comprimento, 38 de profundidade e 48 e 31 cm de largura, à cabeceira e aos pés, respectivamente.

⁴ O seu estudo epigráfico nunca foi efectuado, ainda que a ela tenha sido já feita referência por Jorge António e Marta Pinto Reis: cf. *Al-madan*, n.º 12, Dezembro de 2003, p. 179-180; e no âmbito da comunicação “Necrópole Tardo-Antiga de Alter do Chão. Resultados preliminares”, apresentada no IV Congresso de Arqueologia Peninsular, realizado em Faro (Universidade do Algarve), em Setembro de 2004.

De mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, com alguma patine, apresenta campo epigráfico obtido por rebaixamento da superfície, limitado por filete a que se segue moldura do tipo gola directa. Está praticamente completa, sendo desprezíveis as fracturas sofridas nos cantos superior direito e inferior esquerdo. O não-afeiçoamento das faces laterais e da retaguarda justifica-se plenamente: a placa destinava-se a ser encastrada no monumento funerário

Dimensões: 46,5 x 65 x 10.

Campo epigráfico: 27,5/27 x 46.

SENTIA · LAVRILLA / TANGINI · F(*ilia*) · AN(*orum*) ·
LXXXV (*quinque et octoginta*) / H(*ic*) · S(*ita*) · E(*st*) · S(*it*) · T(*ibi*) ·
T(*erra*) · L(*ewis*) · SENTIVS / SADALA · SENTIA · / ⁵ REPENTINA
· HEREDES / EX · TESTAMENTO · F(*aciendum*) · C(*uraverunt*) ·

Aqui jaz Sência Laurila, filha de Tangino, de oitenta e cinco anos. Que a terra te seja leve. Os herdeiros, Sêncio Sádala, Sência Repentina, mandaram fazer por testamento.

Altura das letras: 3,3. Espaços: 1 a 6: 1; 7: 1,5.

Paginação muito cuidada, segundo um eixo de simetria, quase integralmente conseguido (pequeno deslize na l. 4, por exemplo, onde o ponto no final da linha era escusado e a segunda palavra poderia ter ficado mais ao centro). Extrema regularidade no spacejamento interlinear, indiciando a presença prévia de linhas auxiliares, que o ‘acentuar’ dos vértices e a extensão da barra do T ainda mais sublinham. Pontuação triangular (de vértice para baixo). Caracteres bem desenhados, gravados a badame: o G apresenta brevíssimo enrolamento terminal para dentro; o A ou não tem travessão ou está levemente assinalado; R feito a partir do P (que tem pança exígua); D e M largos; S bem simétrico e O regular.

O texto obedece, na sua estrutura, ao esquema “clássico” das placas romanas dessa região, sendo notável a preocupação de paginar, na medida do possível, segundo a lógica. Referem-se três membros da *gens Sentia*, já documentada em magnífica estela, elegantemente decorada, de *Ammaia*⁵. Laurila é uma indígena romanizada, que nunca

⁵ Cf. MANTAS (Vasco Gil), «Novidades epigráficas de *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha, Marvão)», in Claudine AULIARD et Lydie BODIOLU (dir.), *Au Jardin des Hespérides – Histoire, Société et Épigraphie des Mondes Anciens (Mélanges offerts à*

teve, porém, vergonha das suas origens, pois vem identificada com o patronímico lusitano *Tanginus*⁶. São os seus dois libertos, que estatuiu como herdeiros, que – em consequência de disposição testamentária – lhe erigem o monumento funerário a perpetuar a sua memória.

Para além dos conhecimentos jurídicos que tal circunstância demonstra, assinala-se a singularidade dos cognomes adoptados. Já *Laurilla* não é nada frequente: na epigrafia peninsular, apenas uma *Laurilla Lauri filia*, em Cória⁷; e, na obra clássica de I. Kajanto⁸, apenas são referidos quatro testemunhos no conjunto do *Corpus Inscriptionum Latinarum*: VI 15 491 e 20 548a, IX 2813 e X 3750 (Campânia). Formado a partir de *laurus*, «o louro», planta preta de simbolismo no domínio cultural (por ser atributo de Apolo, por exemplo), pode ter querido significar a cultura de *Sentia*. Não admira, pois, a já referida notoriedade plástica da estela da vizinha *Ammaia* e, de modo muito especial, a atribuição aos seus escravos (depois libertos) de dois *cognomina* raríssimos na epigrafia, inclusive a nível do Império Romano, pelo menos até ao citado estudo de Iiro Kajanto. *Sadala* não se encontra registado; identificou, como se sabe, um rei da Trácia... De *Repentinus*, -a, apresenta Kajanto apenas noventa testemunhos, a nível de todo o Império⁹. O adjectivo a partir do qual se formou o antropónimo quer dizer, naturalmente, «repentina» e Kajanto (p. 75) relaciona-o com as circunstâncias do nascimento, mas acrescenta que tal relação pode não ser muito fiável; neste caso, seríamos tentados a optar

Alain Tranoy), Presses Universitaires de Rennes, 2004, p. 87-105 (sobretudo p. 92-9, com mapa de distribuição das ocorrências deste gentílico na p. 96). Vejam-se, ainda, para a Lusitânia, M. NAVARRO CABALLERO y J. L. RAMÍREZ SÁBADA (coord.), *Atlas Antropológico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus 2003, p. 297 (mapa 270) e, para a Península Ibérica em geral, ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*. Múrcia, 1994, p. 218.

⁶ Um dos mais difundidos nomes da Lusitânia: cf. o referido *Atlas*, p. 313-316, mapa 289, que assinala mais de uma centena de testemunhos; para a Península Ibérica, cf. ABASCAL 1994, p. 522-523

⁷ Referida na base de dados <http://www.ubi-erat-lupa.austrogate.at/hispep/public/index.php> (consultada em 30 de Agosto de 2006), sob os números 20 901 (HEp 8 1998 n.º 55) e 22 675 (AE 1999 881). Trata-se, seguramente, do mesmo texto, com leituras ligeiramente diferentes, o que levou aos dois registos em vez de um só.

⁸ KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1965, p. 334.

⁹ *O. c.*, p. 296: um senador, 47 homens livres e cinco escravos, 31 mulheres livres e seis escravas. Para a Península Ibérica, aponta Abascal (p. 483) três exemplos. E Jean-Marie Lassère, que elaborou o índice dos volumes de *L'Année Épigraphique* de 1961 a 1980, apenas encontrou também sete testemunhos: Jean-Marie LASSÈRE, *Tables Générales de L'Année Épigraphique*, VIII^e série, 1961-1980, Paris, 1992, p. 289.

pelo sentido de ter sempre a resposta pronta, na ponta da língua, ou – cingindo-nos ao significado concreto – «expedita» na execução de tarefas. Sendo assim, quer num significado moral quer na acepção ‘material’, trata-se, na verdade, de um singular elogio.

Tanto pela inusitada presença destes antropónimos quer – de modo muito especial – pela aproximação que permite entre a povoação romana (*Abelterium*?) que precedeu Alter do Chão¹⁰ e as relativamente próximas cidades de *Ammaia* e de *Emerita Augusta*. Uma prova mais da influência viva da capital da Lusitânia, através das suas famílias mais importantes.

A propecta idade da defunta vem, seguramente, arredondada em lustros.

Pela paleografia, pelo uso do patronímico indígena e pela simplicidade da estrutura textual – é monumento datável de meados do século I da nossa era. Não se leve em linha de conta a ausência de *praenomen* de *Sadala* (que poderia sugerir uma datação mais tardia), pois que estamos perante o liberto de uma mulher e, por isso, ainda que, na realidade, lhe haja sido atribuído o *praenomen* do pai da *patrona*, torna-se perfeitamente compreensível que, na conjuntura, ele seja omitido.

JORGE ANTÓNIO
JOSÉ D’ENCARNAÇÃO

¹⁰ Jorge de Alarcão sugere a possibilidade de ter sido «um *vicus* importante no âmbito da cidade de *Ammaia*» (*Roman Portugal*, Warminster, 1988 II.3, p. 150, n.º 6/118). Esta estreita relação entre *Ammaia* e *Abelterium* sai, naturalmente, muito reforçada a partir do achamento desta epígrafe.



362

MAIS UM MILIÁRIO DE CONSTANTINO MAGNO NA ÁREA LIMÍTROFE DE ABRANTES

Esta nova coluna viária, que beneficia de um contexto arqueológico hoje razoavelmente definido¹, encontrava-se tombada junto de uma outra de aparelho mais recente, num sítio bem identificado do Crucifixo, freguesia do Tramagal, concelho de Abrantes. Mas dizem os mais antigos que ambas estiveram desde tempos imemoriais implantadas por ali, sobrepostas (a mais velha sobre a mais nova) – e apontam-nos o local exacto –, à ilharga de uma viela que hoje é conhecida por “Rua da Tapada da Moura”. Ali cruzava com um velho caminho térreo vindo da Herdade do Carvalhal, a conhecida estação romana de Alcolobra, muito próxima, se bem que já do vizinho concelho de Constância.

Trata-se de um fuste troncocónico de granito, de grão bastante fino, porém muito alterado no seu conspecto geral, não só pela acção de agentes erosivos (naturais) como sobretudo pela mão humana. Na parte superior apresenta múltiplas escoriações e uma fractura, que praticamente impossibilitam a leitura do texto que continha e que pode mesmo ter sido intencionalmente obliterado; enquanto que pela base, aplanada e com uma saliência central a preceito, parece adaptar-se melhor ao implante sobre a outra pedra do que ao assentamento no solo.

Tomando por comparação outros exemplares do género aparecidos na região, designadamente o miliário do Vale da Lama (FE 152 e 319) e o da Lagoa Grande², é de admitir que este do Crucifixo teria

¹ Cf. J. Candeias SILVA, Álvaro BATISTA e Filomena GASPAS, *Carta Arqueológica do Concelho de Abrantes*, em vias de publicação pela Câmara Municipal de Abrantes.

² Mário SAA, *As Grandes vias da Lusitânia*, Lisboa, 1957, pp. 242-245. Ainda cheguei a pensar que esse fragmento de coluna da Lagoa Grande, identificado por Saa

uma altura bastante superior à actual, pelo que deve ter sido amputado no topo, talvez em mais de um terço, a fim de ser adaptado a outras funções. Quais? Tanto a toponímia do lugar, como a configuração da pedra nas duas extremidades (no topo tem vestígios do encaixe de uma cruz) – tudo a condizer com o testemunho dos moradores –, apontam no sentido de ela ter sido reaproveitada como elemento de cruzeiro.

Encontra-se de momento ao cuidado da Junta de Freguesia do Tramagal, aguardando-se para breve o encaminhamento para o Museu D. Lopo de Almeida³.

Dimensões: 82 x 26 / 30 (diâmetro).

(...) / [CONS]TA/NTII / FILIO

Ao [nosso senhor Flávio Valério Constantino (?),] filho de Constantino.

Altura das letras: l. 1: 5; l. 2: 4/4,5? (N = 5); l. 3: 5 (F= 7 e segundo I = 4). Espaços: 2.

A leitura dada é o mais que se consegue retirar da análise feita, com tratamento de imagem digital, e mesmo assim com algumas reservas no final da penúltima linha. De qualquer forma, parece de excluir aqui de todo a expressão *divi Consti Pii* verificada no miliário do Vale da Lama. Quanto aos caracteres, são os do estilo habitual nestas epígrafes, pouco cuidados e de traçado bastante irregular, conforme é bem visível no primeiro T, com a parte esquerda da haste superior quase sumida, na letra N sobredimensionada e fortemente inclinada para a direita, no L de haste horizontal levemente arqueada e nos II de formatos diferenciados (o penúltimo da segunda linha tem mais aspecto de um T). Tome-se isto em conta não só do mau estado da pedra mas também da romanização recente dos autores do texto...

em 1949, pudesse constituir o prolongamento deste do Crucifixo, como aconteceu com os dois fragmentos do Vale da Lama (Bemposta). Mas não. Tanto a distância entre si, como a diferença de espessuras (diâmetro de 33 cm na parte superior, no caso da Lagoa Grande), como ainda a diferente *ordinatio*, não o permitiriam.

³ Agradeço ao actual Presidente, Sr. Fernando Pires, a comunicação do achado, bem como as diligências para a sua preservação; e a Álvaro Batista a colaboração prestada para o estudo da peça.

Não obstante as dificuldades de leitura assinaladas, o interesse da epígrafe é manifesto. Se outras motivações não houvesse, ela vinha desde logo comprovar a passagem por aqui de uma via de certa importância. Mas há mais, porque este não é um sítio qualquer: tem um grande rio por perto (ou dois, se contarmos também com a confluência do Zêzere), tem a múltíplice estação de Alcolobra e respectiva ribeira; e, um pouco mais além, a vila-poema e portuária de Constância do outro lado com arqueossítios de certo relevo, a cidade-fortaleza de Abrantes, o ímpar castelo de Almourol e os portos estratégicos e complementares de Arripiado/Tancos.

Quando, em 1974, Jorge de Alarcão publicou *Portugal Romano*, causou certa perplexidade entre os abrantinos interessados por estas coisas ao questionar pela primeira vez uma ideia feita e repisada de séculos, a da identidade Tubucci-Abrantes. «Aquela povoação – escrevia – deve procurar-se antes na margem esquerda do Tejo, talvez não longe do Tramagal, onde há achados romanos»⁴. De facto, o desenvolvimento da investigação tendeu a dar-lhe razão; mas faltavam comprovativos de cultura material, de maior peso.

Ora, sem que fique desde logo provado que a famigerada *Tubucci/Tacubis* fosse por aqui, fica pelo menos a certeza do itinerário por esta banda. Quem viesse das arribas bordejantes do Tejo, a partir de *Scallabis* (ou de *Sellium*), ultrapassada a ribeira de Alcolobra e vencida a íngreme barreira que se lhe segue na margem direita, encontrava-se aqui num aprazível terraço propício a uns momentos de retempero. E talvez por isso alguém mais devoto, já com o cristianismo e a nacionalidade portuguesa definitivamente implantados, tenha aproveitado a coluna para fazer dela cruzeiro, dando assim, com fortes probabilidades, origem ao nome do lugar.

Na verdade, este tipo de sacralização de materiais pagãos não era raro, e tanto mais em zonas onde a boa pedra faltava. E assim, depois do “Crucifixo”, reconfortado espiritualmente, podia o viajante seguir caminho de cumeada a sul do Tejo, pela Chã/Fonte do Castanho, Atalaia, Vale Salgueiro e S. Miguel do Rio Torto, em direcção a Alvega (a velha *Aritium*?); ou, querendo atalhar percurso – indo para os lados da antiga capital da Lusitânia – inverter para Ponte de Sor, pelas Bicas ou Bemposta, indo assim entroncar na outra via velha de *Olisipo*, por *Scallabis-Abelterium*.

JOAQUIM CANDEIAS DA SILVA

⁴ *Op. cit.*, Verbo, Lisboa, pp. 76-77.

